



Ano 4 | # 2 | edição semestral | dezembro de 2012

Revista editada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom

Extensão Universitária Da Ufrj: Inclusão Digital Na Vila Residencial Da Ufrj- Um Estudo De Caso¹

SANTOS, Pablo Victor Fontes²

LUZ, Cristina Rego Monteiro da³

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Este artigo de cunho jornalístico tem como objetivo compreender e documentar como a ação de extensão desenvolvida pela Escola de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ) colaborou para o desenvolvimento da Vila Residencial da UFRJ, através de um processo de inclusão social implementado por meio de oficinas ministradas por alunos e professores do referido curso de comunicação. Sendo assim, buscou-se, além da pesquisa bibliográfica, a realização de uma pesquisa de campo que no processo de coleta de dados nos permitiu perceber que o documentário era o melhor formato para o registro do relato de parte da história da Vila. Nesse sentido, partindo de um referencial teórico que contempla os diversos conceitos que permeiam o contexto de elaboração e prática do projeto de extensão da ECO/UFRJ na Vila Residencial, do mapeamento e coleta de depoimentos realizamos este trabalho experimental na forma de um minidocumentário que privilegia a linguagem jornalística.

¹ Trabalho apresentado na XXXIV Jornada de Iniciação Científica Giulio Massarani, Rio de Janeiro – RJ, JORNADA, 3 de novembro de 2012.

²

Bolsista de Extensão Inovadora CNPq e graduando de Comunicação Social da ECO/UFRJ.

³

Professora do Curso de Jornalismo da ECO-UFRJ.

Palavras-Chave: mídia digital, comunicação comunitária, inclusão social, jornalismo, Vila Residencial da UFRJ.

INTRODUÇÃO

Desde 2006, a Escola de Comunicação Social, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ), é parceira do Programa de Inclusão Social – Vila Residencial da UFRJ. Tendo em vista meu envolvimento com o projeto durante sua formulação e execução, pude testemunhar como o projeto colaborou para o desenvolvimento social da comunidade da Vila. Assim, a escolha da Vila Residencial como sujeito deste estudo foi determinada pela necessidade de documentar, o processo de conhecimento transferido aos alunos sobre as tecnologias da informação, jornalismo, notícia e comunicação comunitária.

Contudo, vale destacar que a comunidade já era contemplada desde 2004 pelo Programa de Inclusão Social – Vila Residencial da UFRJ, que tinha como proposta executar políticas públicas que trouxessem em seu bojo a cidadania e o cidadão como principais referências, corporificando a construção de propostas com várias unidades acadêmicas, de forma coletiva. Nesse sentido, o projeto permitia a Universidade retomar seu papel fundamental de ponderar, destacar e sugerir políticas de inclusão social, além de, efetivamente, agregar atividades de extensão universitária nesse processo.

O projeto “Internet e Mídia Digital”, formulado pela ECO/UFRJ, com financiamento do CNPQ (2009) e apoio da AMAVILA (Associação de Moradores e Amigos da Vila Residencial). Coordenada pelas professoras Cristina Rego Monteiro e Inês Maciel, a iniciativa atuou na qualificação dos moradores da Vila Residencial para o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), visando a utilização desse instrumental de forma a favorecer o desenvolvimento dessa comunidade. Com este intuito, foram oferecidas oficinas de Tecnologia da Imagem, Produção Textual e Produção de Conteúdos para Web, no laboratório de informática, na sede da AMAVILA. Assim, a escolha do projeto da ECO/UFRJ como tema desse trabalho tem como objetivo contribuir para a comunidade da Vila Residencial, principalmente no que tange à inclusão digital e social.

CONCEITOS ENVOLVIDOS

A comunicação encurta as distâncias não somente entre dois pontos, mas entre uma classe e outra. Aperfeiçoar as comunicações, pois, é necessariamente “praticar a igualdade e a democracia”. (MATTELARD, 2000, p. 40)

Através, do entendimento do conceito de comunicação buscamos Mattelard (2000) quando coloca que a comunicação representa um viático de substituição da religião (do latim *religare*, que significa religar), uma vez que a comunicação tem, como ela, função de “religar”. Compreendendo, a partir do exposto, que a Comunicação não se trata de um fenômeno simples, e que ela está diretamente relacionada à gênese do que é ser humano, tomamos também o conceito de Sodré (p.11, 1996), “que afirma que a comunicação refere-se à ação de pôr em comum tudo aquilo que, social, política ou existencialmente, não deve permanecer isolado”. Isso se concretiza através da diferenciação do indivíduo, pela alteridade, a partir de um laço formado por recursos simbólicos de atração, mediação ou vinculação.

Ainda segundo Sodré (p.11, 1996), o termo comunicação apresenta um largo espectro e uso que toma as mais diversas formas, o que pode resultar no aparecimento de contradições e erros de demarcação conceitual quando se emprega a palavra.

  justamente nesse sentido que Littlejohn (apud HOHLFELDT & VALLES, 2008, p.35/36) segue ao afirmar que a expressão comunicação   abstrata e, como todas as expressões, possui múltiplos significados. O mesmo autor, resumiu os componentes conceituais da comunica o em 15 categorias: a comunica o enquanto símbolo; compreensão; intera o/relacionamento/processo social; redu o da incerteza; processo; transferência/transmissão/intercâmbio; liga o/vincula o; participa o comum; canal/transmissor/meio/via; reprodu o de lembranças; resposta discriminativa/modifica o do comportamento; estímulos; intencional; tempo/situa o; poder.

Dessa forma, o jornalismo “  a vida em todas as suas dimensões, como uma enciclopédia” (TRAQUINA, 2005, p.19). Traquina (2005) afirma ainda que se deve ter aten o ao escrever uma matéria, pois a transgressão entre a realidade e fic o   um dos maiores pecados da profissão de jornalista, merecendo violenta condena o da comunidade e quase o fim da carreira. Muitas vezes a realidade   contada como uma espécie de telenovela, e aparece fragmentada com acontecimentos, personagens apresentando falta de conexão.   diante desse contexto que o jornalista   obrigado a

expressar uma resposta em um curto espaço de tempo dependendo ainda do veículo que trabalha (linha editorial).

Dito isto, retomamos Tranquina (2005), segundo o qual os valores-notícias ajudam a construir a sociedade como um “consenso”. Nessa afirmação ele esclarece que um país necessita de uma noção de unidade, logo nossa polícia, nossa balança de pagamentos, por exemplo, ganham palco de discussão entre grupos diferentes ou entre os mesmos mapas numa sociedade, e começam a ganhar assim um significado político. Podemos então afirmar, que a morte, a notoriedade, a proximidade, o tempo, a notabilidade, o inesperado, o conflito, a infração, o escândalo tornam-se temas diante do processo de construção de uma notícia. Mas eles se constituem como tal, atendendo não só ao critério de interesse por parte do público, mas também àquele pertencente aos veículos de informação e por isso podem se configurar como uma abordagem de defesa dos interesses de um determinado segmento da sociedade.

Sendo assim, a compreensão de jornalismo popular se vale do entendimento que segundo Amaral (2006) jornalismo popular é aquele que leva em consideração as posições econômicas, culturais, sociais de cada pessoa. Que observa as necessidades individuais para servir como gancho ao interesse público. O jornalismo popular tem como objetivo também, destacar o conceito de responsabilidade social da imprensa. Busca então, relatar as notícias de maneira didática, sem perder seu contexto e sua profundidade. Esse ramo do jornalismo entende que é preciso ampliar o conhecimento das pessoas sobre o mundo, através do ponto de vista individual.

No sentido de complementar o conceito supracitado e esclarecer o contexto no qual ele encontra terreno fértil dentro da Comunicação, acreditamos ser importante entender o que é comunicação popular ou comunitária para uma melhor consistência do entendimento teórico deste trabalho.

Comunicação Comunitária

Segundo Peruzzo (2006), a comunicação popular simula uma forma alternativa de comunicação e tem sua origem nos movimentos populares dos anos de 1970 e 1980, no Brasil e na América Latina. Sua caracterização vem como um tipo qualquer de mídia, mas a partir de um processo de comunicação que emerge da ação dos grupos populares. Ação essa, cuja mobilização coletiva emerge, na figura dos movimentos e organizações populares, perpassando por canais próprios de comunicação. Sua gênese a caracteriza como um tipo de imprensa não alinhada à linha da mídia tradicional, que no

período de consolidação da comunicação comunitária, vivia sob a censura do regime militar no Brasil. Um tempo em que a maioria dos grandes jornais se alinhava à visão oficial do governo, por opção político-ideológica ou por força da censura. A imprensa alternativa representada pelos pequenos jornais, em geral com formato tabloide, ousava analisar criticamente a realidade e contestar o tipo de desenvolvimento adotado pelo governo de então.

Portanto, a comunicação comunitária caracteriza-se pelo processo de comunicação pautado nos princípios públicos. Além disso, ela não deve ter fins lucrativos e deve permitir a participação ativa da população. Nesse sentido, sua propriedade deve ser coletiva e a escolha de seus conteúdos deve buscar propagar e promover educação, cultura e ampliação da cidadania. (PERUZZO, 2006). Para tanto, a comunicação comunitária deve englobar os meios tecnológicos e outras modalidades de canais de expressão sob controle dos movimentos e organizações sociais sem fins lucrativos. O canal de expressão de uma comunidade (independente do seu nível socioeconômico e território), por meio dos qual os próprios indivíduos possam manifestar seus interesses comuns e suas necessidades mais urgentes. De ser um instrumento de prestação de serviços e formação do cidadão, sempre com a preocupação de estar em sintonia com os temas da “realidade local”. (PERUZZO apud VIEIRA, 2006, p.9).

Bauman (2005) também reforça a importância da solidariedade no âmbito da comunidade. Contudo, ele alerta para o fato de que o mesmo espírito, às vezes, é substituído pela competição, na medida em que os indivíduos sentem-se abandonados por si mesmos, entregues a seus próprios recursos. A corrosão e a dissolução dos laços comunitários nos transformam, sem pedir nossa aprovação, em indivíduos de direitos. Mas, as circunstâncias opressivas e persistentes impedem o alcance do status de indivíduos de fato. Quanto mais nos separamos de nossas vizinhanças imediatas, mais confiança depositamos na vigilância do ambiente (...). Existem, em muitas áreas urbanas, um pouco no mundo todo, casas construídas para proteger habitantes, e não para integrá-los nas comunidades às quais pertencem (...). (GUMPER & DRUCKER apud BAUMAN, 2005, p.25).

Faz necessário, entender que a contemporaneidade, e dentro dela, a sociedade da informação, trouxe um novo entendimento sobre a cidade. Um estudo desenvolvido por Rollink (apud JAMBEIRO & SOUSA, 2005, p.1) aponta que a cidade contemporânea vem sofrendo alterações estruturais nas relações tempo-espaco vivenciadas pelo cidadão. Ela tende agora a se caracterizar pela velocidade de circulação, com fluxos de

mercadorias, pessoas e capital em ritmo cada vez mais acelerado. Um espaço de fluxos de variada natureza é projetado no ciberespaço – o reino da informação - como uma cibercidade, isto é, um espaço de fluxos informacionais. E, assim, configura-se como uma cidade digital, ou virtual, ou uma *telecity*.

Manuel Castells (1992) aponta para três características que definem este novo paradigma social: a) As novas tecnologias são focadas no processamento da informação e o objetivo dessas tecnologias é a informação e o conhecimento; b) O principal efeito desse novo paradigma é no processo e não no produto.

“O fato das novas tecnologias serem baseadas no processamento da informação tem conseqüências diretas nas relações sócio-culturais e seus capitais simbólicos. Informação é baseada em cultura e processamento de informação é, de fato, manipulação simbólica da base dos conhecimentos existentes que são codificados e verificados por experiências científicas e/ou sociais”; c) Como terceira característica deste novo paradigma informacional destaca-se a flexibilidade na produção, consumo e administração. (JAMBEIRO & SOUSA, 2005, p.3).

Para Lemos (2004) (apud JAMBEIRO & SOUSA, 2005, p.6-7) as cidades digitais precisam “ser vistas como formas, espaço temporais que se constroem pelo movimento: transporte (informação) e comunicação, onde os percursos de pessoas pelo espaço informativo, a partir das trocas comunicacionais, possam transformar-se em trocas de informação entre elas”. O autor ainda nos informa que, as cidades materiais e virtuais devem manter uma espécie de analogia através de metáforas cujo intuito trabalhar o sistema de circulação da informação. Contudo, o mesmo, elucida que é preciso admitir que existiu uma mudança na maneira de pensar os media, e a grande responsável por isso é a Internet, já que foi através dela que a tecnologia digital transformou a relação do homem com os meios de comunicação. Desde o seu surgimento, quanto a sua popularização possibilitaram o uso dos computadores, antes vistos somente como ferramenta de trabalho e diversão, como um canal de transferência de uma capacidade física: o poder de falar com o mundo.

Mielniczuk (2001) chama atenção para o fato de que faz-se necessário entender que antes do surgimento do World Wide Web (WWW) a rede já era empregada com intuito da divulgação de informações, contudo os serviços prestados direcionavam-se apenas, para públicos muito específicos. O seu funcionamento mantinha-se através da distribuição de e-mails e de boletins ou de recursos semelhantes. Seu uso para atender finalidades jornalísticas inicia-se na década de 90, quando a internet passa a ter uma utilização comercial.

Segundo Mielniczuk (2001), o jornalismo digital, passou por três fases distintas: a primeira fase, chamada de transpositivo, cujos produtos oferecidos, em sua maioria, eram reproduções de partes dos grandes jornais impressos, que passavam a ocupar um espaço na Internet. Através, do aprimoramento e desenvolvimento da estrutura técnica da Internet, teve início a segunda fase, na qual o objetivo dos jornais era apresentar experiências buscando explorar as características oferecidas pela rede: tais como o surgimento de links com chamadas para notícias de fatos que acontecem no período entre as edições; Palácios (2002), enumera cinco características do intitulado webjornalismo: a multimídia/convergência, a interatividade, a hipertextualidade, a personalização e a memória.

Dito isto, chamaremos atenção para esta última característica apresentada, por entender que ela permitiu que diversos canais fossem criados na internet permitindo o uso de múltiplos recursos na divulgação de notícias, fato que, em última instância, dá ao jornalismo digital uma identidade própria, diferente dos demais formatos de jornalismo encontrados até então, a convergência de mídia é mais do que uma simples mudança tecnológica. Ela altera a relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos. Sendo assim, pode-se dizer que convergência é uma mudança tecnológica que representa também uma mudança no modo de encarar as relações entre o homem e as mídias, tendo implicações no modo como esse homem aprende, trabalha, participa do processo político e se relaciona com as outras pessoas.

Passou-se então a ter a criação de um sistema de significados e interatividade baseado na liberdade de produção e de busca de informação. Por meio da convergência, as pessoas podem, com facilidade, expressar-se, comunicar-se e criar redes de sociabilidade, sendo assim uma novidade nas formas de relações e interações sociais. Em síntese, a convergência transforma completamente tanto a forma de produzir como a forma de consumir a informação. Segundo Jenkins:

A convergência representa uma mudança de paradigma – um deslocamento de conteúdo midiático específico em direção a um conteúdo que flui por vários canais, em relação a uma elevada interdependência de sistemas de comunicação, em direção a múltiplos modos de acesso a conteúdos midiáticos e em direção a relações cada vez mais complexas entre a mídia corporativa, de cima para baixo, e da cultura participativa, de baixo para cima. (2008, p.310)

Segundo Perret (2008), os blogs aparecem com o intuito de funcionar como diários íntimos, nos quais as pessoas podiam relatar seu cotidiano despreziosamente. O formato cronológico e a facilidade para a publicação permite estimular a criatividade

dos autores em diversas faces, compromissos e objetivos. Destacamos ainda que com a participação de leitores e o inter-referenciamento por meio de links, os blogs originaram espontaneamente a criação de uma verdadeira comunidade, semelhante as já formadas no mundo material. Os integrantes da comunidade subdividem-se em grupos, compartilham experiências, ideias, procuram amigos e criam inimigos. Esta comunidade é chamada de blogosfera. (PERRET, 2008).

Segundo Tracker (apud RECUERO, 2009), as nossas experiências diárias – em comunicação, transporte e socialidade - a rede cria efeitos que são eminentemente baseados no tempo, na dinâmica. Redes são sempre redes vivas: redes que estão funcionando e redes que estão em processo. Conforme Recuero (2009), redes são sistemas dinâmicos e sujeitos a processos de ordem, caos, agregação, desagregação e ruptura. Ainda segundo a autora, as redes são dinâmicas e estão em constante transformação, principalmente quando estas transformações estão acionadas através das interações. Ela ainda informa que: as redes possuem características, ou melhor, propriedades do tipo formal e que estão sempre presentes na análise das redes sociais quanto em estudos sobre as teorias das redes. O grau de conexão, sua densidade, centralidade, sua multiplexidade estão sempre presentes.

Esse conjunto de interação social possibilita explicar o processo de socialização enaltecendo a regularidade ou padrão. São esses padrões que permitem definir a relação social que envolve dois ou mais agentes ou indivíduos comunicantes. No âmbito da internet, as relações tendem a ser mais variadas, haja vista que, existe permuta tanto no que tange ao trabalho quanto à esfera pessoal. Assim, o conceito de relação social independe do seu conteúdo. (WELLMAN (1999); GARTON (1997) apud RECUERO, 2009).

Dessa forma, a interação social segundo Breiger (1974) (apud RECUERO, 2009), dá-se através de dois tipos de laços: associativos cuja interação é reativa, ou seja, troca de links; ou dialógica cuja interação é mútua como conversas pelos bate-papos ou troca de recados nas redes sociais.

Uma das primeiras mudanças importantes detectadas pela comunicação mediada por computador nas relações sociais é a transformação da noção de localidade geográfica das relações sociais, embora a internet não tenha sido a primeira responsável por esta transformação. O processo de expansão das interações sociais começa com o surgimento dos meios de transporte e de comunicação (...) o início da aldeia global é também o início da desterritorialização dos laços sociais. O advento das cartas, do telefone e de outros meios de comunicação mediada iniciam as trocas comunicacionais, independentes da presença. (RECUERO, 2009, p.135).

Assim, para um bom entendimento faz-se necessário contrapor os conceitos abordados de inclusão e exclusão. Segundo Lemos (2007), a exclusão abarca uma série de significados, desde o estudo psicológico, aos estudos da economia abordando as desigualdades de renda e sexualidade. A discursão é acentuada nos grandes conglomerados urbanos. Graham (2004) (apud LEMOS, 2007), coloca ainda que as cidades são estruturadas de maneira desigual por parte do setor privado e com relação aos investimentos em Tecnologia da Informação e Comunicação (TICs). TIC não é uma variável externa a ser injetada fora para produzir certos resultados numa realidade existente. “Ela deve ser tecida de maneira complexa no sistema social e seus processos”. (LEMOS apud STAROBINAS(2004), 2007, p.37). A exclusão digital mais importante não é acesso a uma caixa. É a habilidade de se tornar poderoso com a linguagem que esta caixa trabalha. Senão somente poucos podem escrever com esta língua, e todo o resto está reduzido a ser apenas leitores. (DALEY(2004); (LESSING(2004)) apud LEMOS, 2007, p.37).

Segundo Lemos (2007, p.38), é preciso “lutar contra exclusão social, regenerar o espaço público e promover a apropriação social das novas tecnologias”. Do lado oposto, a inclusão digital tem a tendência de ser raciocinada por analistas de sistemas a cientistas sociais passando pelo viés da comunicação. Ela deve contribuir para a instauração de uma nova dinâmica na cidade, gerando interseções nos espaços eletrônicos e físicos nas cibercidades e cidades contemporâneas. A inclusão deve compreender e estimular uma maior inserção social e cultural do indivíduo. Assim, a inclusão digital não deve ser apenas um modelo de ensino técnico, onde pessoas aprendem determinados softwares e como navegar na internet. Outro aspecto que deve ser analisado, além do significado é o porquê e para que inclusão. Segundo Lemos (2007) incluir reflete ausências de discursão. O discurso da inclusão digital feito desta forma parece contentar apenas empresas, Organizações Não Governamentais (ONGs) e tecnoutópicos que vendem, sob essa ideologia, mais e mais “novidades” tecnológicas. Ainda segundo o autor, incluir é oferecer condições materiais (destreza técnica e acesso à internet) para o manuseio das TICs. Trata-se desta forma de reforçar processos cognitivos questionadores e adaptação dos procedimentos às técnicas correntes. Pensar em inclusão é abranger os capitais social, cultural e técnico de maneira sinérgica permitindo o enriquecimento individual e de um grupo. Embora aceitemos que as novas tecnologias não sejam uma panaceia para os problemas da desigualdade, elas constituem hoje uma das condições fundamentais da integração na vida social. (SORJ (2003) apud LEMOS, 2007, p.41).

O pesquisador Pierre Levy também se posiciona nesse sentido, afirmando que: Acesso para todos sim! Mas não se deve entender por isso um “acesso ao equipamento”, a simples conexão técnica que, em pouco tempo, estará de toda forma muito barata (...). Devemos antes entender um acesso de todos aos processos de inteligência coletiva, quer dizer ao ciberespaço como um sistema aberto de auto cartografia dinâmica do real, de expressão das singularidades, de elaboração dos problemas, de confecção do laço social pela aprendizagem recíproca, e de livre navegação nos saberes. (LEVY, 1999, p.196).

Partindo desse pressuposto, tomamos Rondelli (2004), (apud LEMOS, 2007) quando ele coloca que há quatro passos importantes para a inclusão digital: o ensino, mas (possibilita o simples acesso não adianta); a oportunidade de emprego dos suportes técnicos digitais na vida cotidiana e no trabalho; políticas públicas para inclusão; e exploração dos potenciais dos meios digitais. A cada aula ministrada foi percebido que não adiantava apenas ensinar texto ou utilizar aparatos tecnológicos para caracterizar uma informação, tínhamos mais que capacitar àqueles moradores e a construção desse processo foi feita a partir do respaldo que eles nos davam. Assim, conseguimos presenciar na prática as dificuldades da inclusão digital.

Pesquisa de campo e histórico

Através da historicidade, acreditamos ser importante conhecer melhor alguns pontos acerca da Vila Residencial, como forma de estabelecer uma apresentação adequada do contexto no qual surge o projeto que é o objeto deste trabalho. Assim, salientamos que a Vila Residencial situa-se em um dos extremos da “Ilha do Fundão – Cidade Universitária”, no sentido sudeste da Ilha, em área de aterro remanescente da Ilha de Sapucaia, ocupando uma área de 469 mil hectares e inserida na demarcação de terras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A ocupação do espaço referente à Vila iniciou-se no ano de 1974, contudo, até pouco tempo atrás ela se quer existia formalmente para a Universidade. Na verdade, após mais de 40 anos transcorridos, desde que as primeiras pessoas fixaram residência na área, legalmente, ela não existia até o início do século XXI. As tentativas de buscar uma solução para o problema começaram em 2001 quando dirigentes da Associação de Moradores da Vila Residencial (AMAVILA) e a UFRJ começaram a discutir sobre o uso daquela região e a possibilidade de realização da regularização fundiária.

Durante o processo gestacional da UFRJ, no ano de 2002, o reitor Carlos Francisco Theodoro Machado Ribeiro de Lessa afirmou que nenhuma pessoa da comunidade seria expulsa e que seria realizado um laboratório de ensino superior,

envolvendo diversos setores do saber acadêmico (transdisciplinaridade) da UFRJ, no sentido de atender as demandas da comunidade. A ação proposta pela administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro deu um novo rumo àquela comunidade e o impacto do projeto contribuiu para uma transformação até então nunca vista. Parte fundamental do sucesso do projeto foi justamente o envolvimento dos diversos cursos da Universidade.

A transdisciplinaridade é uma tentativa articulada de enfrentar a complexidade gerada pelo grande número de novas disciplinas, que a cada momento são acrescentadas ao conjunto do saber contemporâneo. Esse crescimento disciplinar desmedido exige o uso de novas ferramentas de pensamento para estabelecer pontos de contato entre as diversas áreas do conhecimento humano. (GARLINDO apud PINTO, 2005, p.155).

Através, da Pró-reitoria de Extensão da UFRJ, que hoje contempla onze unidades acadêmicas, desde Medicina a Arquitetura, que passaram a atuar na vila. Essa ação institucional da Universidade começou em 2004, através do Programa de Inclusão Social – Vila Residencial da UFRJ, cuja proposta era executar políticas públicas que tinham a cidadania e o cidadão como principais referências, corporificando a construção de propostas com várias unidades acadêmicas, de forma coletiva. Visando colaborar o máximo possível para a melhoria da condição de vida dos moradores da Vila, realizou-se também um convênio junto à Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos do Estado do Rio de Janeiro (poder público carioca), permitindo que professores e alunos tivessem melhores e mais condições de trabalho. Um dos resultados dessa intervenção é o fato de hoje a comunidade da Vila contar com um prédio para a Associação de Moradores, equipado com consultórios, sala de vacinação, sala da administração, sala de arquivo e sala multimídia.

Foi no ano de 2006 que se construiu o laboratório Jair Duarte. O mesmo foi criado com a doação das máquinas por parte do Núcleo de Computação Eletrônica (NCE) e com o auxílio dos bolsistas do Laboratório de Informática para Educação (LIpE) e de voluntários da Vila Residencial. O laboratório contempla equipamentos como impressora, scanner, um servidor e 16 computadores todos com acesso a internet, cuja manutenção é provida pelos bolsistas do LIpE e pelos voluntários que foram devidamente capacitados para tanto. Isso possibilitou, por exemplo, que aulas de produção textual para web e de Tecnologia da Informação da Comunicação, por parte da ECO/UFRJ, fossem ministradas para moradores da comunidade.

Dentro desse contexto, a atuação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ), dá-se, desde 2009, como parceira do Programa

de Inclusão Social – Vila Residencial da UFRJ, através do projeto de Extensão “Internet e Mídia Digital”. O objetivo do mesmo é a criação de uma redação comunitária na Vila. Dessa maneira, para que a realização do projeto fosse possível, buscamos o envolvimento de bolsistas, alunos de graduação da ECO e jovens secundaristas da comunidade. A falta de condições dos moradores da comunidade em produzirem e circularem informações relevantes para o seu contexto, mesmo tendo ao alcance os recursos tecnológicos que possibilitariam tais ações, foi o que motivou as coordenadoras do projeto, Professoras Doutoras Cristina Rego Monteiro (ensino de mídia digital) e Professora Doutora Inês Maciel (ensino de design) a apresentarem uma proposta ação de Extensão, junto ao Conselho Nacional Científico e Tecnológico (CNPq), por meio de edital publicado no ano de 2010, para atuar em ações de qualificação de jovens e adultos da Vila Residencial nas ferramentas de TICs⁴ e de edição de textos jornalísticos.

As ações do curso de Comunicação Social da UFRJ, através do projeto “Internet e Mídia Digital” foram pensadas junto às pesquisadoras Professoras Doutoras Cristina Rego Monteiro da Luz e Inês Maciel e cinco bolsistas: Ana Clara Veloso, Pedro Figueiredo, Pablo Fontes, Paula Ferreira e Adriana Silva.

METODOLOGIA E RESULTADOS

Nas primeiras discursões sobre o cerne do projeto pensamos em ministrar aulas de produção textual para Web. Contudo, as primeiras conversas com os moradores da Vila impediram a realização e concretização imediata do projeto, uma vez que foi detectados que os mesmo não possuíam domínio sobre alguns conteúdos básicos para a realização do trabalho proposto, tais como fazer um e-mail, mexer em programas como Word, Excel, dentre outros. Alguns nem sabiam ligar o computador. Logo, houve a necessidade de inserir dentro do projeto, aulas de informática sobre conteúdos básicos, para que, a partir daí pudéssemos dar prosseguimento ao verdadeiro objetivo: aulas de produção de conteúdo para web e uso das tecnologias para fim informacional.

Com os moradores devidamente habilitados, chegou o momento de o projeto entrar, efetivamente, em ação. Apesar de todo o planejamento prévio realizado, ao longo

⁴ “As Tecnologias da Informação e Comunicação - TIC correspondem a todas as tecnologias que interferem e medeiam os processos informacionais e comunicativos dos seres. Ainda, podem ser entendidas como um conjunto de recursos tecnológicos integrados entre si, que proporcionam, por meio das funções de hardware, software e telecomunicações, a automação e comunicação dos processos de negócios, da pesquisa científica e de ensino e aprendizagem”. <http://www.wikipedia.org/>

do desenvolvimento das aulas sentimos a necessidade aprofundar alguns conteúdos, a exemplo da importância de uma imagem para uma matéria, como utilizar vídeos para transmitir informações sobre as problemáticas enfrentadas no cotidiano dos moradores, e de que maneira era possível dar visibilidade à cultura produzida naquela comunidade. Também devemos elucidar, que para os bolsistas o projeto foi de fundamental importância, uma vez que possibilitou entender os diversos mundos que nos cercam, com as mais diversas realidades, possibilitando uma visão humanística do objeto estudado. Foi uma oportunidade de entender na prática a importância da informação e conteúdo gerado por nós.

Assim, de 2009 a 2011 foram abertas três turmas, atendendo desde crianças, com 9 anos de idade, a idosos, com faixa etária superior a 70 anos, que tivessem como intuito aprender produção textual para web. Na primeira etapa, que perdurou por cerca de um mês, foram ministradas aulas com o objetivo de capacitar os participantes para o manuseio da tecnologia (informática) que usariam durante o transcorrer do tempo. Nesse momento, conforme apontado anteriormente, foram trabalhados conteúdos que iam desde ligar um computador à realização de uma abertura de conta de e-mail. Destacamos que as turmas não apresentavam um número fixo de alunos. Em alguns dias tínhamos dez alunos presentes em outros; apenas um aluno.

Após, três meses de concretização do projeto, as turmas formadas na Vila Residencial apresentaram um significativo progresso em produção textual e tecnologia da imagem. Com o exercício constante de elaboração de textos jornalísticos, as questões levantadas pelo leitor durante a leitura, embora não memorizadas e ainda dificilmente identificadas pelos alunos, já eram respondidas no lide da matéria. O olhar jornalístico desenvolvido permitiu que fossem realizados links entre fatos semelhantes, enriquecendo a matéria. Os alunos, portanto, passaram a propor a abordagem de acontecimentos antigos em matérias atuais, promovendo uma reflexão a cerca da repetição de algumas ocorrências, como a das chuvas fortes no Rio de Janeiro em março. A combinação de dados e a recorrência dos incidentes consentiram também na construção de uma expectativa das providências a serem tomadas.

Além disso, uma pesquisa realizada pelas bolsistas (PIBEX e PIBIC-CNPQ) Adriana Silva, Ana Clara Veloso e Paula Ferreira permitiu capturar a atenção do leitor para a matéria escrita, demonstrando assim aos alunos a importância do hábito da leitura. Reportando-se ao fato como algo suscetível a qualquer pessoa, foram então reveladas conexões, até aquele momento invisíveis, entre o que é lido e quem lê. Também foi possível, compreender a importância da vivência comum de cada ser

humano e suas percepções a partir da construção do material de cunho jornalístico. Diante dessa mudança, a maior prova dos avanços foi a confecção de matérias sobre festas ou outras atividades da Vila, impossíveis no início do curso, mas que no seu desenrolar passaram a ser produzidas, incluindo o devido distanciamento necessário e uma clara exposição dos fatos.

Chamamos atenção também para o fato de que o sucesso do processo de identificação de temas cotidianos como “assuntos de jornal”, foi conseguido partindo do entendimento do espaço em que vivem os moradores da Vila, como ambientes retratáveis, cenários que denunciam vitórias e lutas. Neste sentido, o trabalho de tratamento das imagens foi fundamental, pois desconstruiu a visão de que há lugares dignos de se fotografar e outros não. Bem como a análise das fotos permitiu a reflexão de que toda imagem pode e deve relatar histórias, acrescentar dados, revelar-se “texto”.

Diante do exposto, podemos afirmar que desde a primeira etapa do projeto, e seus aspectos de intimidade com o mouse e o uso do teclado, os moradores puderam encontrar caminhos até então desconhecidos, fontes de informações preciosas escondidas numa tela de computador. Um espaço democrático em que passaram a poder aprender e também registrar suas experiências. Assim, diante da avaliação de que já havia uma produção razoável por parte dos moradores participantes do projeto, criou-se um blog da Vila, como um espaço onde eles pudessem exercer sua cidadania através da produção e circulação de informações.

Destacamos que, no início, embora por meio de textos, filmes e exemplos, tenha sido abordada a importância da comunicação para a melhoria de vida, os alunos ainda não se reconheciam como verdadeiros agentes transformadores de sua realidade. Dessa forma através do blog, recorrendo a textos e imagens, buscamos estimular uma visão crítica do cotidiano da comunidade, impulsionando a promoção de uma comunicação comunitária ampla e eficaz. Nesse sentido, ainda dentro do projeto, realizamos oficinas de Tecnologia de Imagem, como exercício de ilustração digital (cartões) no software gratuito *Image Manipulation Program* (GIMP)⁵.

No curso de Tecnologia da Imagem, o conteúdo tratou das semelhanças e diferenças entre as imagens analógicas e digitais, bem como as definições e explicações

⁵ “O GNU Image Manipulation Program, mais conhecido pelo acrônimo GIMP, é o editor de imagens gratuito e open source mais famoso do mundo. Apontado como uma das melhores alternativas ao caríssimo Photoshop, o aplicativo reúne uma série de recursos ideais tanto para uso caseiro e amador quanto para aplicações comerciais e profissionais. O programa acaba de ganhar uma nova versão estável, trazendo uma série de novidades a todos os que procuram um aplicativo avançado e completamente gratuito para criar imagens com diversos propósitos. <http://www.baixaki.com.br/download/the-gimp.htm#ixzz1w7Ao2kqg>

sobre cores, tamanho e tipos de arquivos de imagem digitais. Durante o curso, as turmas entenderam através de atividades práticas a importância da imagem para um ganho de independência tanto em aspectos profissionais como em sua vida pessoal. Os dois cursos caminham juntos, demonstrando a importância de texto e imagem como complemento. (MACIEL ET AL, 2011, p. 9).

A captação dos alunos para a oficina de Tecnologia de Imagem começou efetivamente no mês de abril. Após a divulgação inicial do curso, feita através da fixação de cartazes informativos em vários pontos da Vila Residencial, os interessados começaram a efetuar suas inscrições na sede da associação dos moradores, AMAVILA. Pode-se observar que parte da demanda não poderia ser atendida já que ter cursado ou estar cursando o Ensino Médio era pré-requisito para participar do projeto. Crianças tentaram se inscrever, contudo, não obtiveram sucesso devido à pouca idade que apresentavam. Por conta da considerável procura pelo curso, o prazo de inscrições foi prorrogado e decidiu-se que os futuros interessados poderiam efetuar inscrição até quando o primeiro módulo ainda não estivesse concluído.

O curso, além dos resultados práticos, permitiu-nos levantar dados sobre a comunidade através das fichas de inscrição. A partir das mesmas foi possível constatar que cerca de 34% dos inscritos estavam na faixa etária de 15 a 25 anos, aproximadamente 26% na faixa dos 26 aos 35 anos, por volta de 24% na faixa de 36 a 50 anos e outros 16% na faixa dos 51 aos 70 anos. No entanto, dos 51 inscritos, apenas 20 foram assíduos nas aulas e apesar da maior porcentagem de inscritos estar relacionada à faixa etária dos jovens, percebeu-se que quem efetivamente frequenta o curso pertence às faixas etárias superiores.

Outro ponto importante da análise das fichas de inscrição foi a categorização das áreas de interesse daqueles que se inscreveram. Dentre as perguntas presentes no questionário uma fazia menção ao tipo de utilidade que o inscrito desejaria destinar ao computador. Alunos colocaram como prioridade o uso do computador para obtenção de conhecimento. Em segundo lugar apareceu a intenção de usá-lo como ferramenta de trabalho e, em terceiro lugar, o uso para comunicação. A partir destas observações citadas pudemos traçar um panorama do curso, o que foi de grande relevância para definir os próximos passos que seriam norteados ao longo do futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não foi possível discorrer em tão poucas páginas sobre toda a gama de conteúdos, conceitos e informações que a comunicação, o jornalismo (digital,

comunitário) trazem consigo, principalmente por esse ser um quadro que continua em desenvolvimento e evolução. Entretanto, o presente estudo teve como pretensão traçar um panorama cuja partida deu-se pelo viés dos estudos comunicacionais, concatenando os conceitos de jornalismo, notícia, valores-notícia, critérios de noticiabilidade, jornalismo popular, comunicação comunitária, o entendimento sobre comunidade e cidade, e desdobrando-se sobre a importância da internet no mundo contemporâneo. Essa amplitude de conhecimento permitiu um entendimento breve sobre o jornalismo digital e as convergências midiáticas corroborando, com a complexidade da inclusão e exclusão digital.

Foi necessário para um melhor entendimento da relação teoria-prática, compreender um pouco da história da Vila Residencial da UFRJ. Realizamos assim, um breve estudo que abrange desde o surgimento da mesma até os dias de hoje. Mostramos também a mudança pela qual passou a comunidade com a inserção dos diversos campos dos saberes (Enfermagem, Comunicação, Arquitetura, etc) e suas perspectivas diante da realidade que os norteia.

Isto posto, ao longo dessa jornada de aproximadamente dois anos como bolsista, tanto de extensão pela UFRJ como PIBIC/CNPQ, que atuou no projeto “Internet e Mídias Digitais”, desde sua elaboração até sua implementação prática, pude perceber as inúmeras dificuldades que a população da Vila Residencial da UFRJ enfrentou, dentre elas a falta de saneamento básico, a não pavimentação das ruas, a ausência de um atendimento médico e de enfermagem, infra-estrutura básica para que qualquer cidadão possa viver dignamente.

Nesse sentido, a construção da historicidade da Vila Residencial nos permitiu compreender o entendimento entre teoria e prática. Em algumas instâncias no que concerne à teoria da Comunicação e a sua prática, viabilizou-se não só um ganho acadêmico, mas, também uma vivência cidadã. Percebeu-se, ainda, que há muito para se construir neste país diante das desigualdades e dificuldades enfrentadas pelas pessoas. Temos muito que fazer. Este trabalho é um dentre os muitos, que devem ser realizados para entendermos a sociedade que vivemos. Como sugestão, outras entidades da UFRJ e do poder público deveriam formentar este tipo de exercício acadêmico para melhor entendermos a realidade que nos cerca.

Por fim, é preciso destacar que através do projeto “Mídia e Internet” se pode observar mudanças como melhoria na qualidade de vida das pessoas. Através de reportagens feitas pelos moradores da Vila pode-se mostrar os problemas enfrentados pela comunidade, como esgoto a céu aberto (ausência de galerias), pavimentação das

ruas, reestruturação das calçadas, urbanização das mesmas. A ideia de produzir um registro das ações possibilita que as imagens possam servir como memória coletiva daquela comunidade, como aponta Levy (2010). Nesse sentido, o projeto contribuiu para o desenvolvimento do olhar da comunidade sobre si mesma, registrando os avanços conseguidos e as transformações que se tornaram possíveis por meio da construção coletiva.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AMARAL, Márcia. *Jornalismo Popular*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CASTELLS, Manuel. *A Galáxia da Internet*. Rio de Janeiro: Editora Zahar 2006.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede (13ª reimpressão)*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2010.

FRAGOSO, Suely. *O Espaço em Perspectiva*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2005.
GALANTE, C & GUARESCHI, P. A. *Convergência Midiática: uma nova forma de participação democrática*. In: VIII Congresso Intrenacional de salud mental y derechos humanos, 2009, Argentina. Disponível em: http://abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/369.%20converg%Cancia%20midiatica.pdf Acesso em: 30/04/2012.

HOHLFELDT, A. C. & VALLES, Rafael. *Conceito e História do Jornalismo Brasileiro na "Revista de Comunicação"*. Rio Grande do Sul: 2008. Volume 2. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/conceitoehistoria.pdf>. Acesso em: 14/04/2012.

IMAGE MANIPULATION PROGRAM (GIMP). In: Baixaki. S/A. Disponível em: <http://www.baixaki.com.br/download/the-gimp.htm> Acessado em: 14/04/2010.

JAMBEIRO, Leandro & SOUSA, Othon. *Cidades informacionais: As cidades na era da informação*. Disponível em: http://www.cinform.ufba.br/vi_anais/docs/LeandroSouza.pdf In: VI CIFORM Encontro Nacional de Ciências da Informação, 2005, Salvador. Anais do VI CIFORM - Encontro Nacional de Ciência da Informação. Salvador: EDUFBA, 2005. Acesso em: 08/04/2012.

JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. São Paulo: Editora Aleph, 2008.

LAGO, Cláudia & BENETTI, Marcia. *Metodologia de Pesquisa em Jornalismo*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007.

LEMONS, André. *Anjos Interativos e Retribalização do mundo. Sobre Interatividade e Interfaces Digitais*. 1997. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/lemos/interativo.pdf> Acessado em: 28/04/2012

- LEMOS, André. *Cidade Digital: portais, inclusão e redes no Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2007.
- LEMOS, A.; LEVY, P. *A mutação das mídias e Da opinião pública à inteligência coletiva*. In: *O futuro da internet*. SP, Paulus, 2010.
- LEVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MACIEL, Inês et al. *Comunicação Comunitária como instrumento de promoção do capital social no projeto de Extensão Inovadora da Vila Residencial*. In XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Recife, PE – 2 a 6 de setembro de 2011 III Colóquio Brasil-Argentina de Ciências da Comunicação Disponível em: http://issuu.com/dricka/docs/artigo_intercom_2011 Acessado em: 22/03/2012.
- MARTTELART, Armand. *A Globalização da Comunicação*. São Paulo: Editora EDUSC, 2000.
- MIELNICZUK, Luciana. *Características e implicações do jornalismo na Web*. 2001. Disponível em: http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2001_mielniczuk_caracteristicasimplicacoes.pdf. Acesso em: 30/03/2012.
- PALÁCIOS, Machado. *Jornalismo Online, Informação e Memória: Apontamentos para debate*. Salvador: 2002. Disponível em: http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002_palacios_informacaomemoria.pdf. Acesso em: 09/04/2012.
- PALACIOS, Marcos & RIBAS, Beatriz. *Manual de laboratório de jornalismo na Internet*. Salvador: EDUFBA, 2007.
- PALÁCIOS, Marcos. *Fazendo Jornalismo em Redes Híbridas: Notas para discussão da Internet enquanto suporte mediático*. 2003. Disponível em: http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2003_palacios_redeshibridas.pdf. Acesso em: 11.04.2012
- PALACIOS, Marcos. *Sete teses equivocadas sobre comunidade e comunicação comunitária*. IN *Comunicação & Política*, v.9, n.11, p. 103-110. abr./jun., 1990. 0102-6925.
- PALACIOS, Marcos. *O que há de (realmente) novo no Jornalismo Online?* Conferência proferida por ocasião do concurso público para Professor Titular na FACOM/UFBA, Salvador, Bahia, em 21.09.1999.
- PERRET, R. ; BRAMBILLA, A. M. ; RECUERO, R. ; MEIRA da ROCHA, J. A. ; FERREIRA, P. H. . *Os blogs e a multiplicação das vozes*. In: Mario Lima Cavalcanti. (Org.). *Eu, mídia*. Rio de Janeiro: Opvs, 2008,
- PERUZZO, C.M.K. *Comunicação em tempos de Rede*. 2007. Disponível em: http://www.ciciliaperuzzo.pro.br/artigos/comunidades_em_tempos_de_redes.pdf. Acesso em: 22/04/2012.

PERUZZO, C.M.K. *Revisitando os Conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária*. Trabalho apresentado ao Núcleo Comunicação para a Cidadania, do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Brasília –DF, INTERCOM/UnB, de 5 a 9 de setembro de 2006. Disponível em: <http://www.unifra.br/professores/rosana/Cicilia+Peruzzo+.pdf>. Acesso em: 28/04/2012.

PINTO, P. R. M. *A lógica contemporânea e a transdisciplinaridade*. In: DOMINGUES, I.(Org.). *Conhecimento e transdisciplinaridade II*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

ROIZ, Diogo. *A História das Cidades: Questões Metodológicas e Debates*. Mato Grosso do Sul: 2009. Volume 6. Ano IV. Nº 4. Disponível em: http://www.revistafenix.pro.br/PDF21/RESENHA_01_Diogo_da_Silva_Roiz.pdf Acessado em: 22/04/2012.

SODRÉ, Muniz. *Reiventando a Cultura: a comunicação e seus produtos*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1996.

SOSTER, Demétrio. *Credibilidade jornalística, conceito em transição*. 2006. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1400-1.pdf> . Acesso em: 05/04/2012.

TRAQUINAS, Nelson. *Teorias do jornalismo- Porque as notícias são o que são volume I* (2º edição). Florianópolis: Insular, 2005.